

ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM ALUNOS PORTADORES DE ESPECTRO AUTISTA

Luiz Felipe Marcon¹

Francisco José Fornari Sousa²

RESUMO

Introdução: A escola deve ser um local onde os alunos tenham a oportunidade de exercer as habilidades e competências e o professor deverá ser um mediador e responsável pela construção do conhecimento por meio da inclusão. A discussão sobre a inclusão de todos neste ambiente, tem, recentemente, exigido propostas político-pedagógicas inovadoras, que estimulem as diferenças individuais e assegurem oportunidades iguais aos alunos. **Objetivo:** Pesquisar a prática dos professores que trabalham com alunos espectro autista diagnosticados. **Metodologia:** Pesquisa de campo, diagnóstica e descritiva. Fizeram parte da amostra 10 professores de Educação Física da licenciatura. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário com perguntas fechadas. Os dados foram analisados através de estatística básica e apresentados na forma de tabelas. **Resultados:** A maioria dos profissionais de Educação Física possuem conhecimentos sobre o que é autismo e como trabalhar com suas práticas nas escolas diante do aluno com TEA. Todos eles observaram mudança positivas no comportamento dos seus alunos como social, cognitivos e motor, a maioria dos professores apontaram que seus alunos têm diagnóstico e que tomam medicamentos, apontaram que as instituições não estão preparadas para receber esses alunos pois não tem estrutura para acolhê-los devidamente, mesmo não tendo estruturas adequadas obtiveram apoio das suas escolas para que conseguisse dar um suporte para esses alunos. **Conclusão:** A prática dos professores que trabalham com alunos espectro autista diagnosticados é que os professores enfrentam dificuldades para trabalhar com esses alunos, por diversas razões estrutura, formação sobre o assunto, alguns mostraram que tem o conhecimento, que suas crianças eram diagnosticadas e que tomavam medicamentos, mas que todos tentaram dar atenção diferenciada para essas crianças.

Palavras-chave: Educação Física. Autismo. Professores.

¹ Acadêmico do curso de Licenciatura em Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST,.

² Prof. Coordenador de curso e da disciplina de TCC II do Centro Universitário UNIFACVEST.

PERFORMANCE OF PHYSICAL EDUCATION PROFESSIONAL WITH STUDENTS WITH AUTISTIC SPECTRUM

Luiz Felipe Marcon
Francisco José Fornari Sousa

ABSTRACT

Introduction: The school should be a place where students have the opportunity to exercise skills and competences and the teacher should be a mediator and responsible for building knowledge through inclusion. The discussion about the inclusion of everyone in this environment has recently demanded innovative political and pedagogical proposals that stimulate individual differences and ensure equal opportunities for students. **Objective:** To analyze the strategies used by Physical Education teachers with students diagnosed with autism spectrum. **Methodology:** field research, diagnosis and descriptive. The sample comprised 10 Physical Education teachers of the undergraduate degree. As a data collection instrument, a questionnaire with closed questions was used. Data were analyzed using basic statistics and presented as tables. **Results:** Most physical education professionals have knowledge about what is autism and how to work with their practices in schools before the student with ASD. They all observed positive changes in the behavior of their students as social, cognitive and motor, most teachers pointed out that their students are diagnosed and taking medications, pointed out that institutions are not prepared to receive these students because they have no structure to welcome them. properly, even without adequate structures, obtained support from their schools to support them. **Conclusion:** The practice of teachers working with diagnosed autistic spectrum students is that teachers face difficulties working with these students, for various reasons structure, training on the subject, some showed that they have the knowledge, that their children were diagnosed and that they took medicines, but all tried to give special attention to these children.

Key-words: Physical education. Autism. Teachers.

1. INTRODUÇÃO

A escola deve ser um local onde os alunos tenham a oportunidade de exercer as habilidades e competências e o professor deverá ser um mediador e responsável pela construção do conhecimento por meio da inclusão.

A discussão sobre a inclusão de todos neste ambiente, tem, recentemente, exigido propostas políticas pedagógicas inovadoras que estimulem as diferenças individuais e assegurem oportunidades iguais aos alunos.

Tivemos como norteadores do nosso trabalho Maria Teresa Egler (2003). Segundo ela, o que faz uma escola inclusiva é um bom projeto pedagógico começando pela reflexão; para ela a inclusão é mais que ter rampas de acesso e banheiros adaptados. Nada mais é do que estar garantido o direito de todos à educação e que está previsto pela nossa constituição.

Um bom projeto valoriza a cultura, a história e as experiências que os alunos carregam. Estamos vivendo em uma época de verdadeira transformação em que a escola tem que procurar meios ou novos caminhos que despertem o interesse dos professores e das escolas, na qual a inclusão seja inserida dentro e fora da sala de aula.

Na atualidade da educação brasileira, temos percebido que o aumento de crianças com autismo nas escolas regulares vem sendo cada vez maior, e nos faz pensar como é desenvolvida a inclusão destas crianças junto as outras, aquelas ditas “normais.” E quais as dificuldades da escola e dos professores para educar no mesmo nível esses alunos.

Nesse sentido, a educação física adaptada diante do aluno com autismo moderado ou severo será de grande importância para a vida social, cognitiva e comunicativa dos estudantes com autismo. A adaptação da educação física nada mais é do que inserir alunos com deficiências físicas para que também consigam desenvolver suas capacidades motoras, respeitando suas diferenças individuais e buscando o desenvolvimento global destas pessoas.

O presente trabalho tem por objetivo pesquisar a prática dos professores que trabalham com alunos espectro autista diagnosticados.

2. EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPECTRO AUTISTA

Estamos vivendo em uma época de verdadeira transformação em que a escola tem que procurar meios ou novos caminhos que despertem o interesse dos professores e das escolas, na qual a inclusão seja inserida dentro e fora da sala de aula. A educação física adaptada diante do aluno com autismo moderado ou severo será de grande importância para a

vida social, cognitiva e social dessa criança.

No Brasil, o desenvolvimento do esporte para pessoas portadoras de deficiência física data de 1958 com a fundação do Clube dos Paraplégicos em São Paulo e do Clube do Otimismo no Rio de Janeiro. A educação física começa a se preocupar com atividade física para essas pessoas apenas, aproximadamente, no final dos anos de 1950, e o enfoque inicial para a prática dessas atividades foi o médico. Os programas eram denominados ginástica médica e tinham a finalidade de prevenir doenças, utilizando para tanto exercícios corretivos e de prevenção. A maioria dos historiadores e arqueólogos concorda que os chineses, em aproximadamente 2500 a.C., foram os primeiros a criar esses tipos de programas (ADAMS, DANIEL, Mc CUBBIN, 1985, p 28).

Naquela época, a pessoa com deficiência era descartada por seu professor ou mestre, pois não era considerado na educação física pois esta era vista como um rendimento apenas militar e quem a praticava eram os militares. Na Primeira Guerra foram elaboradas as atividades recreativas que ajudavam na recuperação de lesões causadas pela guerra.

De acordo com Mazzota (2003), por volta de 1930 a educação física esteve voltada mais para os esportes e programas de atividades físicas e as adaptações direcionadas às crianças como um todo.

Contudo, a atividade física para deficientes começou focada nas reabilitações dos jovens lesionados em guerra. Hoje em dia as adaptações nas aulas de educação física são bem providenciais em alguns casos como já foi citado, para que também haja uma inclusão dos alunos que com suas limitações também possam conseguir ter o mesmo resultado de aprendizagem daquele aluno dito “normal” (ADAMS, DANIEL, Mc CUBBIN, 1985).

A adaptação na educação física nada mais é do que inserir alunos com deficiências físicas para que também consigam desenvolver suas capacidades motoras, respeitando suas diferenças individuais e buscando o desenvolvimento global dessas pessoas.

Ao pesquisar o andamento da inclusão nas escolas buscaremos olhar os alunos de maneira individual respeitando suas diferenças, ao pensar nesse processo de inclusão das crianças seja mais do que uma ‘aprendizagem’ considera-se que assim a construção de um projeto pedagógico deve ser envolvida a comunidade escolar, buscando o equilíbrio em suas adversidades.

Sobre a participação dos professores na inclusão, segundo Carvalho (1999a, p.2), a atuação do professor reflete em algumas atitudes como:

Uma atitude de não rejeição, com trocas interativas entre colegas, com valorização da autoimagem e autoestima; e uma atitude de não segregação, apresentando dificuldade para promover trocas interativas. Não sendo assim, observamos que aquele profissional que não promove a inclusão apresenta uma atitude de dessegregação, considerando que por dificuldade/ou diferença de aprendizagem este aluno deveria estar em contextos segregados; e considera-se desprovido de conhecimento para atuar com a diversidade, não sabe como e o que fazer.

O professor de educação física precisa estar disposto a trabalhar com as

características de cada aluno sem fazer nenhum tipo de discriminação perante o aluno ou junto com os outros colegas, pois a imagem do professor para esses alunos é referência de pessoa que é solidária, amiga e companheira, buscando transmitir a inclusão de todos em sala de aula ou fora dela.

Diferentes profissionais da educação têm seu modo de ver a convivência com essas diversidades. O profissional não inclusivista precisa se reciclar-se, pois isso atribui a diversidade e o processo de desenvolvimento do aluno.

Carvalho (1999a) afirma que esta mudança de atitude quanto à diferença envolve toda comunidade escolar, pois a deficiência não é o problema propriamente, o problema são os outros, pois o profissional que é exclusivista prefere e aceita todo tipo de sugestões que sejam ricas para o seu trabalho.

O problema são os outros. O profissional 'inclusivista' aceita a idéia do caleidoscópio (todos são importantes e significativos: quanto maior a diversidade, mais complexa e mais rica); acredita que o aluno é um ser em processo de crescimento e desenvolvimento, que vivencia o processo ensino-aprendizagem de maneiras diversas, seja por suas diferenças individuais, seja por seus interesses e motivações. Este profissional, em geral, consegue identificar a si mesmo como 'profissional de aprendizagem' e não como 'profissional de ensino' (PEDRINELLI, 1994, *apud* CARVALHO, 1997, p.1).

Por isso o professor tem que proporcionar aos alunos uma aula mais harmoniosa e fazer com que os alunos sejam cúmplices das suas aventuras, fazendo propostas de participação nas atividades, que ele aprenda a pensar sobre o que esta sendo aprendido e que essa informação de conhecimento seja através de experiências e cooperação.

Em vista desses problemas de inclusão falaremos sobre o autista na inclusão nas aulas de educação física, um assunto que envolve muita discussão e dúvidas, como é visto pelos alunos e seus professores. Para fazer com que alunos 'normais' se adaptem a ele, o profissional também deve buscar maneiras, jogos de inclusão ou atividades que envolva toda a classe de aula no sentido que desenvolva o desenvolvimento motores e não só isso e que faça esse aluno ser participativo com esses alunos normais.

Para falar sobre autismo precisamos entender sobre o assunto o que é autismo, o que ele interfere na vida da criança, quais são os meios mais propícios para trabalhar com autista e como fazer a inclusão dele nas aulas de educação física.

O autismo é conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA) e é um transtorno que causa problemas no desenvolvimento da linguagem, na comunicação, na interação e comportamento social da criança (MAIA,2018).

Segundo Alves, Lisboa e Lisboa (2010, p.2):

[...] transtorno que causa atraso da criança aonde o diagnóstico só pode ser feito através de profissional especializado na área seja eles neuropediatria, psicólogo ou

por um psiquiatra essa avaliação que é feito é considerado com transtorno global do seu desenvolvimento.

Alves, Lisboa e Lisboa (2010, p.2):

[...] dizem ainda que o papel do professor na pré-escola é fundamental. È a partir desse diagnostico que é preciso planejar uma estratégia educacional que minimize as dificuldades das crianças de forma que possa se integrar e desenvolver de acordo com as possibilidades.

O TEA também se define como um transtorno neurodesenvolvimento no qual seu diagnostico se baseia na comunicação verbal e não verbal, nas suas tarefas do dia a dia restritivos e repetitivos. Desse modo fica claro e evidente que suas dificuldades são para estabelecer interações sociais, contato visual, se engajar em atividades compartilhadas escolhendo atividades individuais, também por objetos e até mesmo pessoas (MAIA, 2018).

Como o autor aponta, precisamos encontrar meios propícios depois de diagnosticada a síndrome, encontrar possibilidades e estratégias para inserir esses alunos com os outros e os outros com ele, de acordo com seus limites.

Para nós, professores da educação física, é preciso ter ferramentas pedagógicas que nos ajudem a colaborar com o desenvolvimento das crianças com autismo dentro do conteúdo da educação física e também usando outras disciplinas dentro de nossas aulas que servirão para seu desenvolvimento global.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho tem por objetivos uma pesquisa de campo, diagnóstica e descritiva buscando assim a realidade completa dos fatos.

Como orienta Selltiz et al., (1967, p.63) apud Gil (2002, p.01) esta metodologia tem a vantagem de:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a tomá-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão.”

De acordo com Marconi e Lakatos (2002, p.83): “O objetivo da pesquisa de campo é o de conseguir informações e/ou conhecimento acerca de um problema e consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente.”

Fizeram parte da amostra 10 professores de Educação Física de escolas públicas municipais de Lages, SC. O critério de seleção foi professores da educação física habilitados na área da licenciatura e que estão trabalhando atualmente.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário composto por 10 perguntas fechadas, formulado pelo pesquisador e validado por três professores da área.

Os dados foram analisados através de estatística básica (f e %) e discutidos tendo como base os autores da área; a forma de apresentação será na forma de tabelas.

O presente trabalho foi enviado na forma de projeto de pesquisa ao Comitê de Pesquisa (CEP) da instituição sendo aprovado para realização com o número de protocolo 3.706.098 e Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 25545319.4.0000.5616.

3.1 Análises e discussão de dados

De acordo com as questões aplicadas para a amostra, aparecem os seguintes resultados. Analisando a tabela 1. Todos os professores entrevistados possuem conhecimento sobre autista.

Tabela 1. Conhecimento sobre o autismo.

	f	%
Sim	10	100%
Não	0	0%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Para Galdino (2011), ele assegura que o autismo diferente de muitas outras doenças traz consigo muita complexidade, pois quase nada se sabe sobre suas causas.

Pouco o que nós sabemos que o transtorno afeta principalmente a socialização, o motor e cognitivo assim fazendo com que a criança tenha dificuldades para se expressar e também para cuidar de si mesma por toda sua vida.

De acordo com a tabela 2. Os professores entrevistados, apresentam as seguintes respostas. Todos os professores observam mudanças significativas em seus alunos a partir da participação nas aulas. Nesse modo observamos que a Educação Física ajuda as crianças nesse aspecto tanto motor, cognitivo e social.

Para Caetano e Dias, (2001), ele fala justamente isso, que as crianças com autismo não permaneçam com dificuldades cognitivas, afetivas, psicomotora e que interação dentro das aulas da Educação Física seja necessária o mais cedo possível, segundo o autor a Educação Física é capaz de colaborar para a melhoria das habilidades motoras e suas habilidades na vida.

Tabela 2. Mudanças no desenvolvimento dos alunos com TEA nas aulas de Educação Física.

	f	%
Sim	10	100%
Não	0	0%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Segundo a tabela 3, (n= 9, 90%) dos professores sabiam que os alunos possuíam diagnóstico médico e (n= 1, 10 %) não.

Tabela 3. Diagnóstico médico.

	f	%
Sim	9	90%
Não	1	10%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

A maioria dos professores sabiam que seus alunos possuem diagnóstico médico. O autismo não existe cura, mas tem tratamento que ajuda a diminuir algumas características como nos aponta.

Aonde falam que não se baseia somente em uma única terapia e os medicamentos são utilizados para aliviar os sintomas para que assim eles possam ter outras vivências adaptadas e que consigam resultados mais eficazes (COELHO; SANTO, 2006).

Mas o mesmo diagnóstico e medicamentos não vão funcionar com outro aluno que tenha o TEA, assim cabe ao professor buscar estratégias para que esse aluno se desenvolva conforme suas limitações e seu diagnóstico.

A tabela 4 mostra que (n= 7, 70 %) toma medicação e (n= 3, 30 %) não.

Tabela 4. Os alunos tomam algum medicamento.

	f	%
Sim	7	70%
Não	3	30%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Como bem fala Coelho e Santo (2006, p.23): “[...] que a inexistência de um tratamento específico, proporciona resultados variados aonde cada criança responde ao

tratamento de forma individual.”

Observamos que quanto mais cedo o diagnóstico for feito no aluno melhor será seu tratamento e desta forma seu desenvolvimento nas aulas de Educação física, e os medicamentos dependerão do grau do autismo de cada criança.

Observando a tabela 5, se a escola está preparada para receber o aluno autista, responderam sim (n= 4, 40%) e não (n= 6, 60%).

Tabela 5. Escola e a atenção ao aluno com TEA.

	f	%
Sim	4	40%
Não	6	60%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Percebemos nessa questão que a maioria dos professores não acreditam que as suas escolas estejam preparadas para dar suporte e ensino de qualidade para os alunos com TEA.

Para Rodriguez (2006) a exclusão é relacionada a fatores culturais que nos conduzem a pensar que a diferença é perigosa.

Já para Klein (2010), a palavra “inclusão” é utilizada para jargão na área educacional que quer dizer que as práticas que nós faremos será mais justa e democrática o ato de incluir faz com que ele seja parte de um todo, para que o aluno não seja rotulado e excluído por demonstrar comportamento diferenciado.

Já segundo Melo, Lira e Facion (2008, p.65), fala que:

[...] impõe a construção de um projeto que não se dará ao acaso nem de uma hora para outra e que não é uma tarefa individual. Ao contrário, trata-se de um trabalho coletivo, que envolve discursões e embates entre diferentes esferas (governo, sociedade, escola e indivíduo) em que seja possível refletir sobre que escola queremos construir e que indivíduos pretendemos formar

Podemos entender a partir desses três autores que a inclusão será bem-sucedida se vários fatores forem contemplados a as escolas junto com os governos capacitarem seus professores e funcionários para que eles consigam compreender a singularidade de cada criança e sabendo conviver e respeitando-a e principalmente dando a mesma qualidade de ensino a todos sem restrições ou preconceitos.

Examinando a tabela 6, todos os professores entrevistados recebem apoio da sua escola para trabalhar com o aluo autista.

De acordo com o questionário todos recebem algum tipo de apoio, pois as escolas nas quais trabalham atualmente tem um suporte pedagógico sólido que inclui o aluno no contexto educacional de forma que assimilem o conhecimento e a metodologia a serem

trabalhados fazendo com que o aluno supere suas limitações.

Como nos fala Carvalho (2007) apud Balbino (2010, p.41) é preciso criar meios para que a criança permaneça na escola, sem que ela tenha prejuízos em seu desenvolvimento. Ele cita algumas como o:

Direito à educação; o direito à igualdade de oportunidades, o que não significa um “modo igual” de educar a todos e sim dar a cada um o que necessita, em função de suas características e necessidades individuais; escolas responsivas e de boa qualidade; o direito de aprendizagem; e o direito à participação.

Tabela 6. Formação na escola para trabalhar com aluno com TEA.

	f	%
Sim	10	100%
Não	0	0%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Esse apoio da escola tem que ser tanto efetivo quando eficaz o apoio exige uma boa estrutura pedagógica além de profissionais capacitados acerca disso Felício (2007, p, 25) diz que:

É importante salientar que, para se educar um autista é preciso também promover sua integração social e, neste ponto, a escola é, sem dúvidas, o primeiro passo para que aconteça esta integração, sendo possível por meio dela a aquisição de conceitos importantes para o curso da vida.

Metade dos professores responderam sim (n=5, 50%) e metade não (n=5, 50%) (tabela 7) em relação a dificuldade da inclusão do aluno autista.

Tabela 7. Inclusão do aluno autista diante dos demais alunos.

Fonte: Dados da pesquisa.

	f	%
Sim	5	50%
Não	5	50%
Total	10	100%

Muito das atitudes dos alunos condiz com as atitudes do professor, pois a convivência e o respeito as diferenças individuais, dependera de cada professor e que também será possível integrar a criança e ao mesmo tempo fazendo-o que desenvolva suas potencialidades.

De acordo com as respostas obtidas, observamos que os entrevistados ficaram divididos com relação a inclusão do aluno com TEA diante dos demais. Sugere-se que o professor deve chamar atenção dos demais alunos quando desrespeitarem seu colega com apelidos e até mesmo se irritarem com suas limitações (STRAPASSAN, 2006).

Todos os professores dão atenção diferenciado aos alunos autistas (tabela 8).

Tabela 8. Atenção diferenciada ao aluno com TEA.

	f	%
Sim	10	100%
Não	0	0%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Analisando as respostas dos professores percebemos que seus alunos com TEA receberam de todos os professores questionados uma atenção diferenciada, na qual nenhum aluno é excluído ou desprezado pelo seu professor, segundo Carvalho (1999a, p.2):

A atuação do profissional na situação de inclusão reflete (a) uma atitude de não rejeição, com trocas interativas entre colegas, com valorização da autoimagem e autoestima; e (b) uma atitude de não-segregação, apresentando dificuldade para promover trocas interativas. Não sendo assim, observamos que aquele profissional que não promove a inclusão (a) apresenta uma atitude de desagregação, considerando que por dificuldade/ou diferença de aprendizagem este aluno deveria estar em contextos segregados; e (b) considera-se desprovido de conhecimento para atuar com a diversidade, não sabe como e o que fazer.

Assim chegamos à conclusão que os profissionais inclusivista aceita ideias a participações dos colegas a discutirem sobre as diferenças e como lidar com elas para Loparic (2000) ele acredita que o aluno é um processo de crescimento e desenvolvimento que cada criança aprende o processo de ensino aprendizagem individualmente seja elas por diferenças individuais, interesse ou motivações. Levando este profissional a refletir se é um profissional de aprendizagem ou profissional de ensino.

Avaliando a tabela 9, (n= 8, 80%) possui uma metodologia diferenciada e (n= 2, 20%) não para trabalhar com ao aluno autista.

Tabela 9. Metodologia para trabalhar com alunos com TEA.

	f	%
Sim	8	100%
Não	2	0%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

A questão nove vai ao encontro com que discutimos na questão sete que fala da inclusão do aluno com autismo, a questão nove traz como questionamento qual seria a metodologia do professor e qual seria a mais eficaz, já podemos observar em outros discursões que cada aluno com TEA responde diferente de outra criança com os mesmos sintomas nenhum tratamento é igual.

Percebemos que mais da metade tem uma metodologia que acaba ajudando em suas aulas do dia a dia como cita (BARROS FILHO et al., 1998, p.2):

Ainda, numa perspectiva procedimental, em relação a situações em que alunos com discapacidades intelectuais estejam presentes recomenda-se: (a) dar orientações claras sobre a tarefa a ser realizada, utilizando uma pequena quantidade de informações por vez. (Lembre-se do teste de memória); (b) usar exemplos concretos; (c) utilizar formas, cores e ângulos para aumentar a atenção (seletiva) à informação relevante; (d) utilizar demonstrações; (e) garantir estrutura e rotina na aula; (f) elogiar as tentativas, criando desafios.

Ele quer nos dizer que precisamos ser claros com a criança quando for passar alguma atividade, aprendizagem ou ensinamento, essa criança precisa se sentir que está sendo vista por seu professor e sendo ouvida por ele, pois muito sabemos que essa criança tem dificuldades em se comunicar com seu professor.

A tabela 10 mostra que (n=6, 60%) tiveram conteúdos sobre o trabalho com alunos autistas e (n=4, 40%) não.

Tabela 10. Formação acadêmica para trabalhar com TEA.

	f	%
Sim	6	100%
Não	4	0%
Total	10	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com as respostas dos 6 entrevistados, informaram que tiveram a formação acadêmica, porem os outros 4 disseram que não receberam nenhum conhecimento em sua vida acadêmica como lidar com aluno TEA.

Como fala Bosa (2002, p. 32): “[...] que os profissionais que dão conta dos alunos mas têm pouco espaço para cuidar de si e de suas relações interpessoais. Ainda autora ressalta que os pais muitas vezes sofrem com olhares de reprovação e reclamações sobre o comportamento de seus filhos.”

Destacamos aqui a fala da autora que no meio das dificuldades dos professores eles conseguem dar conta e ainda arrumarem tempo para estudar, mas mesmo assim ela fala que tem pouco espaço para eles cuidar das suas formações acadêmicas com mais qualidade, entretanto alguns fatores podem ocorrer para o não qualificação de alguns professores como mostra também a autora pontua que muitos profissionais deixam de procurar conhecimento em alguma área específica e acaba transmitindo algo negativo aos pais.

4. CONCLUSÃO

Os dados suportam que a prática dos professores que trabalham com alunos espectro autista diagnosticados é de que eles enfrentam dificuldades para trabalhar com esses alunos, por diversas razões, entre elas a estrutura e sua formação sobre o assunto, todos mostraram que tem o conhecimento sobre o tema e que seus alunos são diagnosticados e que tomam medicação. Todos procuram dar atenção diferenciada para essas crianças.

Portando através dessa pesquisa de campo buscamos saber como é a pratica dos professores diante do espectro autista, dentro da pesquisa constatamos as dificuldades dos profissionais na área no qual já apontamos acima, também observamos seu entusiasmo para querer aprender mais sobre o assunto e ajudar no crescimento desses alunos.

Entretanto esse assunto gera muitos discursões entre professores, escola e governo, mas todos buscam estratégias para melhoria da inclusão e desenvolvimento dessas crianças.

REFERÊNCIAS

ADAMS, R; DANIEL, A; Mc CUBBIN, J. **Jogos, esportes e exercícios para o Deficiente físico**. Trad. De Ângela Marx. 3.ed. São Paulo: Manole,1985.

ALVES, Márcia de Mesquita Cardoso; LISBOA, Denise de oliveira; LISBOA, Denise de Oliveira. **Autismo e inclusão escolar**. 2010 Disponível em: [:http://educonse.com.br/2010/eixo_11/e11-25a.pdf](http://educonse.com.br/2010/eixo_11/e11-25a.pdf). Acessado em: 27/08/2019.

BARROS FILHO, Tarcísio E.P.; OLIVEIRA, R. P.; RODRIGUES, N.R.; GALVÃO, P.E.C. & Souza, M.P. **Instabilidade atlanto-axial na síndrome de Down**. Rev. Bras. Ortopedia, 33(2), 91-94, 1998. Disponível em: file:///C:/Users/Alternativo/Downloads/33-2_1998_fev_12.pdf Acessado em: 18/11/2019.

BALBINO, E. S. **A inclusão de uma aluna com deficiência visual na universidade estadual de alagoas**: um estudo de caso. 2010. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Maceió, 2010.

BOSA, Cleonice. **Autismo**: atuais interpretações para antigas observações. in BAPTISTA, Cláudio Roberto & BOSA, Cleonice (orgs.), **Autismo e educação**: reflexões e propostas. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CAETANO, Joyce, RIBEIRO; BARROS, Daniela DIAS. **Educação Física escolar para autistas**. 2014 Disponível em: <https://xi-semana-academica.webnode.com/files/200000019-66fd067f70/Anais%20de%20Trabalhos%20Cient%3%ADficos%20Aceitos%20na%20XI%20Semana%20Acad%3%AAmica-2014.pdf#page=74>. Acessado em: 1/10/2019.

CARVALHO, Rosita E. **Integração e inclusão: do que estamos falando?** in: Salto para o futuro: tendências atuais / Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999. (a).

CARVALHO, Rosita E. **Removendo barreiras para a aprendizagem** In: Salto para o futuro: tendências atuais / Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999. (b)

COELHO, Maria Madalena; SANTO, Antônia Maria Espírito. **Autismo**: “Perda de contato com a realidade exterior”. Castro Verde, 2006.

COSTA, Alberto, MARTINS DA; BERTONI, Sonia, SOUSA, **Educação Física e Esporte Adaptado**: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século xxi. 2004. Disponível em: <http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/236/238>. Acessado em: 14/09/2019.

EGLER, Maria; MONTOAN, Teresa. **Inclusão Escolar**: O que é? Por quê? Como fazer? 1ª ed moderna Disponível em: <https://acessibilidade.ufg.br/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf?1473202907>. Acessado em: 14/09/2019.

FELICIO, V. C. **O autismo e o professor**: um saber que pode ajudar. Bauru, 2007.

GALDINO, M. J. **A inclusão educacional de um aluno com autismo em uma escola de ensino fundamental do município de Arapiraca**. Arapiraca: Ed. Maceió, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como classificar as pesquisas?** 2002. Disponível em: <http://www.madani.adv.br/aula/Frederico/GIL.pdf>. Acessado em: 28/08/2019.

KLEIN, R. R. **A escola inclusiva e alguns desdobramentos curriculares**. In: KLEIN, R. R.; HATTGE, M. D (Org.). **Inclusão escolar**: implicações para o currículo. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 2010.

LOPARIC, Z. **Ética e Deficiências**. Palestra realizada durante a 1ª Jornada de Pesquisadores, Ética e Deficiência. Laboratório Interunidades de Estudos sobre Deficiências do Instituto de Psicologia da USP, 30 de setembro de 2000. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/possibilidades.pdf>, Acessado em: 02/10/2019.

MAIA, **Percepções dos docentes de Educação Física acerca da inclusão de alunos (as) com Transtorno do Espectro Autista na escola regular**. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Alternativo/Desktop/felipe2019/ESTUDO.pdf>. Acessado em: 14/09/2019.

MARCONI, Eva Maria; LAKATOS, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.

MELO, S. C. de; LIRA, S. M. de.; FACION, J. R.; **Políticas inclusivas possíveis implicações no ambiente escolar**. In: FACION, J. R (Org.). **Inclusão escolar e suas implicações**. Curitiba: Ibipex, 2008.

MOZZOTA, M.J. S. **Educação Especial no Brasil: historia e Politica Publicas.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

PEDRINELLI, V.J. **Possibilidades na diferença:** o processo de ‘inclusão’ de todos nós. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/possibilidades.pdf>. Acessado em: 2/05/2018.

RAUEN, Fábio José. **Elementos de iniciação à pesquisa.** Rio do Sul, SC: Nova Era, 1999.

RODRIGUES, Renato; GONÇALVES, José Correa. **Procedimento de metodologia científica.** 8. ed. Lages, SC. PAPERVEST. 2017.

RODRIGUEZ, D. (Org.). **Inclusão e Educação:** Doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006

SASSAKI, Romeu kazumi. **Inclusão:** construindo uma sociedade para todos. 3.ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

STRAPASSAN, A. **Apostila de Educação Física para pessoas com deficiências da Faculdade de Pato Branco.** Pato Branco, PR: FADEP, 2006/2007.

WINNICK. J.P. **Educação Física e Esportes Adaptados.** 3.ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2004



Bom dia,

Sou acadêmico(a) do Centro Universitário UNIFACVEST, do Curso de Educação Física e venho através desta convidá-lo (lá) para participar de uma pesquisa científica intitulada “**Atuação profissional de educação física com alunos espectro autista.**”

A justificativa da realização da mesma é desenvolver uma pesquisa com fins de TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso II). A participação na pesquisa não trará nenhum risco ou desconforto para o participante.

Sua participação é voluntária e caso você aceite participar, solicita-se a permissão para a realização de um questionário que se realizará nesta unidade de ensino, sendo que apenas (o) a pesquisador (a) terá acesso direto aos dados. Também, informa-se que a qualquer momento o (a) senhor (a) pode desistir da participação da mesma. Os responsáveis pela pesquisa estarão sempre à disposição para tirar dúvidas, em qualquer etapa da pesquisa.

No mesmo pedido, requerer-se a autorização para o uso dos dados para elaboração de artigos técnicos e científicos. A privacidade será mantida através da omissão dos dados pessoais nas publicações.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____ aceito participar da pesquisa intitulada “Educação física nas escolas como pratica de alunos do espectro autista. Considero-me informado(a), e declaro que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto, e que todos os dados a meu respeito serão mantidos em sigilo. Declaro também que fui informado(a) sobre a possibilidade de desistir da participação da referida pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou dano.

Assinatura _____ Lages, ____/____/_____

Orientador: Prof. Msc Francisco José Fornari Sousa CREF 3978G-SC

E-mail: fsfornari@gmail.com

Tel – (49) 998363150

Acadêmico: Luiz Felipe Marcon

Rua: Benjamin Constant N 1284 Bairro: Copacabana CEP: 88504200

E-mail: felipemarcon07@gmail.com

Tel – (49) 999282317

1. Dados de Identificação

Quanto tempo magistério: _____

Idade: _____

Sexo: () Masc () Fem

2. Conhecimento sobre o ESPECTRO AUTISTA

1) Você teve conhecimento sobre o que é autismo?

Sim () Não ()

2) Você observa mudanças em outros aspectos do desenvolvimento dos alunos com TEA a partir da participação nas aulas de Educação Física?

Sim () Não ()

3) Os alunos autista que você teve contato, apresentavam diagnóstico médico?

Sim () Não ()

4) Os alunos que frequentavam sua sala com o autista, tomavam algum medicamento?

Sim () Não ()

5) Você acredita que a sua escola estava preparada para receber crianças com autismo?

Sim () Não ()

6) Você recebeu algum apoio da sua escola no trabalho com o aluno autista?

Sim () Não ()

7) Você teve dificuldade com relação a inclusão do aluno autista diante dos demais alunos?

Sim () Não ()

8) Você deu atenção diferenciada a esse aluno?

Sim () Não ()

9) Você possui ou tem uma metodologia diferenciada para trabalhar com alunos do espectro autista?

Sim () Não ()

10) Sua formação acadêmica forneceu subsídios para seu trabalho com alunos autistas?

Sim () Não ()

Não ()

**ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II – TCC II
 CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA 2019/2**

Aos 16 dias do mês de Dezembro de 2019 foi realizada sessão de apresentação de TCC II (artigo científico) do Curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST, habilitação em Licenciatura, com o acadêmico(a): LUÍZ FELIPE MARCON
 Com o título: ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM ALUNOS COM ESPECTRO AUTISTA

Professor orientador: Francisco José Fornari Sousa CREF 3978G/SC.

Banca professor: MERCEDES MARIA GEVAERD¹

Banca professor: _____²

CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DA REDAÇÃO DO ARTIGO			
ITENS	PONTOS OU CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	PESO	NOTA
1	Importância do tema e justificativa	0,5	0,5
2	Definição dos propósitos - objetivos do trabalho	0,5	0,5
3	Nível de levantamento dos dados, bem como os procedimentos para levantamento de dados e sua análise e conclusão	1,0	1,0
4	Embasamento teórico e utilização de conceitos e propostas de outras estudiosos e autores	1,0	1,0
5	Aplicabilidade prática do estudo e prováveis resultados	3,0	2,5
6	Conclusões e recomendações (dos acadêmicos)	3,0	2,5
7	Bibliografia consultada	0,5	0,5
8	Metodologia e obediência às normas	0,5	0,5
NOTA GLOBAL DO TRABALHO ESCRITO		10	9,0

CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO - DEFESA ORAL			
ITENS	PONTOS OU CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	PESO	SUA NOTA
1	Planejamento, organização e sequência da apresentação do conteúdo do trabalho/relatório	2,5	2,5
2	Concatenação e argumentação lógica uso de citações e exemplos.	2,5	2,0
3	Clareza e segurança nas respostas à indagações.	2,5	2,0
4	Domínio de recursos audiovisuais e controle do tempo de duração	2,5	2,5
NOTA GLOBAL DO TRABALHO		10	9,0

SOMÁTORIA DAS AVALIAÇÕES DA REDAÇÃO E DEFESA ORAL		
TRABALHO ESCRITO (REDAÇÃO)	APRESENTAÇÃO (DEFESA ORAL)	³ NOTA FINAL DO ARTIGO
NOTA X 0,6 = <u>5,4</u>	NOTA X 0,4 = <u>3,6</u>	Σ RED + APRES ORAL = <u>9,0</u>

Coordenador do Curso de Educação Física
 Centro Universitário UNIFACVEST
 Prof. Francisco José Fornari Sousa CREF 3978-G/SC

Luiz Felipe Marcon
 Acadêmico(a)



¹ Os professores participantes das bancas estão em seus horário de aula, conforme horário (2019_2) e são convidados a participarem da apresentação.

² Os professores participantes das bancas estão em seus horário de aula, conforme horário (2019_2) e são convidados a participarem da apresentação.

³ A nota final da disciplina de TCC II leva em consideração as fases de sua construção, os prazos de entrega e as orientações recebidas durante todo o semestre.



centro universitário
unifacvest

DECLARAÇÃO DE RECEBIMENTO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO (TCC) PELA BIBLIOTECA CENTRAL

Aluno: Luiz Felipe Marcon

Curso: Educação física

Título do Trabalho: Atuação profissional de educação física com alunos espectro autista

Local: Lages, SC.

Data: //2019

Declaro que autorizo a disponibilização on-line de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Base de Dados de TCCs da UNIFACVEST.

Luiz Felipe Marcon

Acadêmico

Data 27/11/2019



centro universitário
unifacvest

DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

(Prática ilegal de apropriar-se da obra de terceiros sem autorização e sem a referência devida)

TÍTULO: Atuação profissional de educação física com alunos espectro autista

ALUNO: Luiz Felipe Marcon

ORIENTADOR: **Francisco José Fornari Sousa**

Eu Luiz Felipe Marcon, CPF 08040132924, CI 5511.019,
declaro que, com exceção das citações diretas e indiretas claramente indicadas e referenciadas, este trabalho foi escrito por mim e portanto não contém plágio. Eu estou consciente que a utilização de material de terceiros incluindo uso de paráfrase sem a devida indicação das fontes será considerado plágio, e estará sujeito as sanções legais.

Lages, 27 de novembro de 2019

Luiz Felipe Marcon